

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS DE CRISTÓVÃO AYRES A MARTINS SARMENTO.

FERREIRA, Agostinho

Ano: 2007-2008-2009 | Número: 117-118-119

Como citar este documento:

FERREIRA, Agostinho, Cartas de Cristóvão Ayres a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 117-118-119 Jan.-Dez. 2007-2008-2009, p. 137-146.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CARTAS DE CRISTÓVÃO AYRES A MARTINS SARMENTO

Leitura e fixação de texto de Agostinho Ferreira

Cristóvão Ayres nasceu em Goa em 1853 e faleceu em Lisboa em 1930. Foi militar, lente da escola do exército, governador civil, deputado, jornalista, poeta, historiador. Da sua vasta formação destacam-se os cursos de infantaria e cavalaria da Escola do Exército e os cursos superiores de Literatura, Filosofia e História. Escreveu várias obras de vulto de que destacamos “História Orgânica e Política do Exército Português” e “Indianas e Portugueses”.

Nas cartas que escreveu a Martins Sarmiento são visíveis, sobretudo, as preocupações pelo estudo da vertente militar dos castros antigos. É notório o interesse pelos estudos de Martins Sarmiento que considerava serem um bom contributo “...para o estudo (...) dos vestígios da dominação militar dos povos antigos em Portugal” (carta de 24 de Novembro de 1891).

O interesse pelo conhecimento pormenorizado da Citânia de Briteiros leva-o a fazer perguntas sobre a disposição das casa da Citânia, sobre as estradas que ligam a Braga, sobre as portas de entrada, sobre a morfologia dos terrenos, sobre a possibilidade de se fazerem mapas, etc.

Transcrevemos aqui as cartas que escreveu a Martins Sarmiento por nos parecerem do maior interesse para a compreensão da metodologia de trabalho dos arqueólogos de finais do sec. XIX e inícios do sec. XX, em que a correspondência por carta se afigurava uma ferramenta fundamental para a troca de informação e para a discussão de hipóteses explicativas.

Condaes de Lisboa - 4 - Lisboa, 24 de Novembro de 1891

Ilustríssimo e Ex.^{mo} Senhor

Desde o meu regresso de Guimarães onde me levava, entre outros, o desejo, malgrado infelizmente, de ver a V. Ex.^a, têm-se sucedido os dias na intenção formada de lhe escrever. Doenças porém na família, e um *mare-magnum* de trabalho me tem impedido de realizar o meu propósito.

Levado pela curiosidade de conhecer a Citânia, que sobretudo pelos trabalhos de V. Ex.^a me pareceu interessantíssima para o estudo em que ando empenhado dos vestígios da dominação militar dos povos antigos em Portugal, fui a Guimarães, e ali, à amabilidade cativante do nosso amigo dr. Avelino, que teve por auxiliar amabilíssimo o sr. Francisco Agra, me foram, como V. Ex.^a deve saber, proporcionados todos os meios de fazer a visita com a máxima comodidade e encanto. Trouxe as minhas impressões pessoais, e achei realmente aquele ponto fortificado dum interesse notável. Aceito a hipótese apresentada por V. Ex.^a quanto à época e condições em que a povoação buscou ali, contra as incursões do invasor, um ponto mais fortificado e de maior resistência, e hei-de ter o maior prazer em juntar neste assunto o nome de V. Ex.^a ao meu modesto nome. Além dos trabalhos de V. Ex.^a, sobretudo a resposta ao Hübner que é esmagadora, conheço os trabalhos de Virchow e Castaillac.

A hipótese militar só V. Ex.^a a colocou, e eu desejava que V. Ex.^a se dignasse comunicar-me mais desenvolvidamente tudo que sob seu ponto de vista tivesse colhido de interessante.

Sei que o Castellões está, por ordem de V. Ex.^a tirando uma planta minuciosa da povoação. Desejava muito que ela fosse quanto possível circunstanciada no que respeita à posição das muralhas, fossos etc. e que V. Ex.^a me autorizasse a mandar tirar uma cópia para a minha obra. Para que essa planta, porém tivesse todo o valor para o meu trabalho, seria para mim uma grande satisfação obtê-la descrita e comentada por V. Ex.^a.

Essa descrição e comentário, se V. Ex.^a os quisesse fazer, deveriam ter a forma que V. Ex.^a entendesse, para serem publicados.

Tanto com respeito à Citânia, como com respeito ao Sabroso, a que V. Ex.^a

dedicou um tão interessante estudo na Renascença, eu estimarei obter o maior número de informações sob o ponto de vista de povoações fortificadas. Há uma vista do monte da Citânia, do lado ocidental, se bem me recordo, (porque não tenho agora à mão os meus apontamentos), a qual, pelo íngreme da encosta, e pela sobreposição de penedos, que lembram negras sepulturas de guerreiros mortos, mostra como era facilmente defensável por um lado a povoação, tanto que o sistema de muralhas se torna menos exigente e apertado.

Mas como obter em Guimarães fotógrafo capaz de se encarregar desse trabalho? No hotel onde eu estive em Guimarães um médico que lá estava, e que se dizia amador apaixonado da fotografia, prontificou-se a tirar-me umas fotografias do castelo, e do tesouro da Oliveira, e foi tão longe no seu oferecimento que me prometeu ir de propósito à Citânia. Mandeilhe duas dúzias de chapas Monchoven, mas não tive ainda notícias dele! Aqui tem V. Ex.^a os auxílios que encontra um escabichador de antiguidades, que deseja fazer alguma coisa que aproveite ao país.

E aqui estou eu a massar soberanamente V. Ex.^a! Tenha paciência.

Num dia de pachorra fale-me longamente da Citânia, do Sabroso, e de outros pontos fortificados, primitivos que conheça. Dê-me notícia de alguns castros que tenham merecido a atenção; fale-me dos vestígios romanos, godos e árabes, em fortificações, estradas que tem conhecido de perto. Seja o meu cicerone nesta jornada através dos séculos extintos e eu o abençoarei e agradecerei de todo o coração.

De V. Ex.^a Atentamente e muito apreciador amigo
obrigado

Cristovam Ayres

Ex.^{mo} e prezado amigo

Foi V. Ex.^a tão amável comigo nas informações e desenhos que me enviou das estátuas calaicas e outros assuntos em que tenho recorrido à sua proficiência, que me atrevo a pedir-lhe novo favor. Fez-me V. Ex.^a muita falta quando fui a Briteiros visitar a Citânia; tencionei voltar quando V. Ex.^a estivesse, mas não tenho de todo podido com os meus muitos trabalhos. Nesta impossibilidade recorro à sua muita bondade e rogo-lhe a fineza de me mandar uma notícia, nas proporções que entender, do sistema das muralhas, sua situação, construção etc. etc., e do mais que entender com relação a serem de defesa ou função militar. Bem sei que me vai dizer que não se tem dedicado a assuntos militares; mas tendo estudado tanto os nossos castros, vejo em seus escritos que os estudou também, e não podia deixar de ser, sob o ponto de vista da defesa. Tudo o que me disser é favor; servir-me-á até para avivar os apontamentos que trouxe mas que sem as suas luzes ficariam muito incompletos como pode supor.

Enfim, mande-me o que entender, que tudo, sobretudo a vista do *croquis* ou planta do Castelões, que me faz o favor de a ceder, será de altíssimo preço para mim.

Desculpe V. Ex.^a tanta importunidade, mas lembre-se que também muito de ciência *qui donne au pauvre prêtre à dieu*.

De V.Ex.^a amigo afeiçoado e admirador sincero

Lisboa - Quelhas - 49

20 de Janeiro de 95 (1895)

Christovam Ayres

16 Abril 96

Meu Ex.^{mo} e prezado amigo

Desculpe-me o escrever-lhe em cartão postal, mas é o que encontro mais rapidamente.

Acabo de lhe endereçar a cópia da planta da Citânia que me é cedida pelo Castelões, e vinda do Ministro das Obras Públicas.

Venho rogar-lhe a fineza de criticar as modificações que essa planta deve ter, e sobre ela completar as informações que fez o grande obséquio de me mandar na sua carta de 22 de Janeiro. Por tudo lhe ficarei sumamente penhorado.

De V. Ex^a amigo obrigado

Christovam Ayres

23 Abril 96

Ex.^{mo} e prezado amigo

Muito e muito obrigado pela sua amabilidade. Com as informações de V. Ex.^a e as do Castelões vou ver se dou uma pequena ideia da Citânia.

Venho ainda incomodar a V. Ex.^a pedindo-lhe que me diga o seguinte:

1º Para onde iam as estradas que nas diversas direcções saíam da Citânia?

2º Quantos calcula que fossem aproximadamente, os fogos da povoação?

3º Para que julga poderia servir a casa que se encontra na povoação, com uma descida em mina para o interior, terá comunicação com alguma cisterna?

4º Pode V. Ex.^a explicar-me a forma da torre que guardava a porta em corredor, a que está no ponto de junção da muralha externa com a interna?

E os vestígios indicavam realmente que estava para o lado poente da muralha? Interiormente?

Desculpe estas maçadas, mas tratando-se da Citânia, é impossível deixar de se recorrer ao *padre mestre* dela.

O Castelões tinha-me falado em fossos, mas dissera-me que não pudera indicar-lhe precisamente a divisão, por isso as não lançava na planta.

De V. Ex.^a atento Venerador e amigo obrigado

Cristovam Ayres

Sintra - 4 de Maio 96

Ex.^{mo} e prezado amigo

Já agora leve a sua cruz ao calvário.

Remeto para V. Ex.^a ver, corrigir ou acrescentar, a planta que acompanha o meu livro. Junto vão também as provas da descrição da planta, que sujeito à apreciação de V. Ex.^a; foi feita de acordo com o Castelões; V. Ex.^a dirá aquilo em que está de acordo e aquilo que entende dever ser modificado.

Permita-me, porém, V. Ex.^a que desde já eu lhe faça algumas perguntas e lhe apresente algumas objecções suscitadas pela sua apreciável carta. - Vou seguindo a planta que remeto:

1º A estrada que seguia até Briteiros e se perde junto ao ribeiro é a que sai da porta P5?

E a estrada ao sul que se bifurca e estabelece comunicação com Sabroso é a que sai da porta P4?

O que nos faz confusão é V. Ex.^a dizer que essa estrada se bifurca já fora da 3ª muralha, quando na planta se bifurca ao sair da 2ª.

2º A estrada que vai para Braga é a que sai da porta P1 ou P2?

3º Enquanto à estrada que seguia para Santa Iria, é impossível figurá-la, por o Castelões não ter trazido elementos alguns do terreno; sabe pouco mais ou menos onde passa, mas não se atreve a figurá-la rigorosamente.

4º Pode V. Ex.^a dizer-me o que representaria a edificação marcada nº1? Será um posto de atalaia?

5º O Castelões tem dúvidas sobre o que V. Ex.^a diz a respeito da casa da mina; a ele parece-lhe que essa mina conduzia realmente a uma cisterna, a qual, por estar mais alta do que os penedos onde começam as caleiras, lhe forneciam a água.

As suas razões são as seguintes:

Que não é provável que a água nascesse num monte árido e sem arborização de espécie alguma, apenas uns 13 metros abaixo do planalto cuja superfície é pequeníssima, para poder embeber-se de água da chuva em quantidade suficiente para alimentar uma fonte. Que o minar o terreno internamente, na base da montanha, poderá diminuir a importância do manancial, mas não era provável que o esgotasse, se a água lhe proviesse da chuva que caía nos

terrenos superiores. Depois, diz ele ainda, que, como V. Ex.^a sabe, o uso das cisternas é quase coevo com a história do homem, e é ainda hoje a maneira por que os povos incultos armazenam a água. V. Ex.^a dirá!

6º Os fossos vão indicados a *olho*. Pode V. Ex.^a dizer ao certo a largura de cada um deles? E a forma? Encontravam-se os taludes no fundo? Eram ambos inclinados para o interior, ou tinham a escarva ou a escarpa perpendicular ao fosso?

Desculpe V. Ex.^a tanta importunidade e preste mais este serviço ao

Devotamente amigo obrigado

Christovam Ayres

P.S. Recebeu um folheto que há dias lhe mandei?

Lisboa - Rua do Quelhas - 49, 2º
Ou Redação do Correio da Manhã

Ilustríssimo e Ex.º Senhor

Há muito tempo que não tenho o prazer de saber de V. Ex.ª, e muito estimorei que tenha gozado saúde, e nos seus trabalhos continuado a honrar a ciência do seu país. Está prestes a sair do prelo o 1º volume da minha *História do Exército* onde trato da arqueologia militar do país, para a qual os trabalhos de V. Ex.ª me têm servido de grande auxílio, como verá...

Venho agora pedir-lhe uma grande fineza, com a urgência que puder. Sei que V. Ex.ª tem no seu interessante museu estátuas idênticas às do Jardim Botânico da Ajuda, e à de Viana, sei mesmo que descobriu três dessas estátuas, uma em Fafe, outra Refojos de Basto, e outra em S. Jorge de Vizeira. Venho pois pedir-lhe que com respeito a cada uma delas me obsequie com as informações que puder.

Desejava, por exemplo, que me dissesse as condições em que as achou, se faziam parte de urnas fenerárias, ou estavam fora dos seus primitivos lugares. Desejava mais as dimensões de cada estátua, (altura, circunferência do tronco, largura de ombros); dimensões do escudo (diâmetros) e se este tem lavouros; dimensões da adaga ou espada; comprimento, largura da folha ou bainha, forma dela; Se as estátuas tem os supostos torques e armilhas; se têm como a de Viana, inscrições, e onde e quais?

Como vê, é uma grande maçada que lhe vou dar; mas não será o primeiro favor que lhe deverei.

Talvez V. Ex.ª não esteja em Guimarães; lembra-se que foi neste mês que eu estive em Guimarães e V. Ex.ª tinha saído a banhos; caso, porém, esta carta o não encontre aí, V. Ex.ª muito me obsequiava encarregando algum seu amigo, de confiança, de completar as informações que V. Ex.ª me possa dar daí.

E muito, muito obrigado o

De V. Ex.ª atento venerador e amigo obrigado

Christovam Ayres

P.S. Tem V. Ex.ª fotografias de alguma dessas estátuas?

C.

5 Março de 1897

Ex.^{mo} amigo

Em obediência aos desejos de V. Ex.^a acabo de fazer ao presidente do conselho as perguntas concernentes ao assunto da amável carta de V. Ex.^a, e a resposta, infelizmente, é que o uso, que se tem dado com respeito a todos os adicionais, é recaírem estes sobre as contribuições a arrecadar, a partir da publicação da lei.

É abaro e injusto, respondi eu, e o ministro respondeu que assim se tem estabelecido como princípio, e que depois da publicação da lei o governo não tem mais que ver sobre o assunto.

Aí tem V, Ex.^a, e nos jornais verá o extracto da resposta do José Dias; e creia V. Ex.^a meu prezado amigo, que muito me captura a sua preferência em me encarregar de indagar do governo o que desejava saber.

Creia-me

De V. Ex.^a atento Venerador amigo obrigado

Christovam Ayres